

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE ARTES
LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS**

Reinventando a si e a sociedade: percursos de uma artista professora

Vitória Natane de Oliveira

Porto Alegre

2022

Vitória Natane de Oliveira

Reinventando a si e a sociedade: percursos de uma aprendiz de artista professora

Trabalho de conclusão de curso apresentado no Instituto de Artes da UFRGS como requisito básico para a conclusão do curso de Licenciatura em Artes Visuais

Orientadora

Prof^a Dr^a Aline Nunes da Rosa

Porto Alegre

2022

VITÓRIA NATANE DE OLIVEIRA

REINVENTANDO A SI E A SOCIEDADE: Percursos de uma artista professora

Trabalho apresentado ao curso de Artes Visuais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito básico para obtenção do título de licenciada.

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Aline Nunes da Rosa (Orientadora)

Profª Drª Lilian Maus Junqueira

Profª Drª Paula Matroberti

Porto Alegre, 16 de maio de 2022

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso em Artes Visuais discute o impacto da educação e da arte em minha trajetória pessoal, e a partir da metodologia da pesquisa narrativa traça com os relatos um panorama sobre o percurso da construção de uma docência artística, conectado aos contextos político e social, propondo a educação e a arte como ferramentas para a transformação social. Para elaborar esse pensamento são trazidas as perspectivas da educação emancipatória (FREIRE, 2011;2013), da docência híbrida (LOPONTE;COUTINHO, s/d) e do amor como revolução (HOOKS, 2021), entre outras autoras que contribuem com as reflexões. Também estabelece diálogo com as autoras e autores Martins e Tourinho (2009) e Hernandez (2017) no que diz respeito a elaboração das pesquisas narrativas.

Palavras-chave: Educação; Política; Arte; Sociedade; Transformação.



Espiral. Vitória de Oliveira, 2021, acervo pessoal.

Espirais, sangue menstrual e matérias orgânicas são elementos que utilizo em meu trabalho poético.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	5
1 PERCURSOS METODOLÓGICOS	9
2 ESPIRAL DE VIDA, ESPIRAL DOS TEMPOS.....	12
2.1 Dignidade, política e educação.....	16
3 VIOLÊNCIA CÍCLICA & DISPUTAS NARRATIVAS	18
3. 1 Antes mesmo de eu saber, já me disseram quem sou e serei	23
4 EDUCAÇÃO E AMOR COMO PORTAL PARA O PRÓPRIO INTERIOR	28
4.1 Educação, política e sociedade.....	34
4. 2 Ser quem se é custa caro (e não há dinheiro que possa comprar)	40
4.3 Amor, autocuidado e educação.....	42
5 ARTE COMO FERRAMENTA DA RESSIGNIFICAÇÃO DE SI E DA SOCIEDADE	44
5.1 Resistir e Florescer	53
SEMENTES: considerações finais	56
REFERÊNCIAS.....	62

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é refletir sobre o impacto da educação e da arte em minha trajetória pessoal, utilizando a metodologia de investigação narrativa, partindo dos meus relatos para a construção da pesquisa, somando as reflexões íntimas às sociais, esboçando caminhos possíveis para a reinvenção íntima e coletiva através da educação, da arte e do amor.

Considerando a transmutação íntima das e dos sujeitos como elemento fundamental à elaboração, construção e consolidação de novos valores sociais, reciclando assim paradigmas nocivos à vida que permeiam as nossas existências, trago como plano de fundo minha trajetória, permeada pela realidade de um Brasil profundo não tão distante, mas paralelo, onde a universidade e as artes visuais não chegam, e a educação atua como trampolim para quem tem a oportunidade de escolher embarcar na aventura de deslocar-se do que compreende como a si e o mundo.

A natureza tem sido mestra em minha vida, e de tanto observá-la se tornou inevitável utilizar os seus ciclos como metáforas. Micélio é a colônia fúngica que vive abaixo de nós, sobre toda a terra. Essa teia de ramificações é responsável pela nutrição dos fungos e árvores, atuando como uma via comunicacional entre elas, permitindo que conversem e cuidem umas das outras, garantindo o equilíbrio do ciclo natural.

Abaixo das estruturas estão as raízes, e o que interconecta as raízes é o micélio. As nossas histórias pessoais e coletivas, as relações, as aprendizagens, o que fizemos conosco e o que fizemos com as pessoas, compõem a estrutura mais profunda, aquilo que nos nutriu e nutre, e a compartilhamos, ainda que tenhamos distintas raízes e sejamos “árvores” diversas. Trago a imagem do micélio para refletir sobre a interconexão existente entre todas as formas de vida que habitam a Terra, e também para pensar a capacidade inata da vida de reciclar e ressignificar o que não tem mais utilidade, a matéria morta, transformando a morte em vida. Utilizando essa imagem como uma metáfora, pensando em nossa sociedade, poderíamos entender como matéria morta todos os

paradigmas e estruturas que ameaçam a vida. Estes grandes acúmulos de morte, de culturas nocivas e destrutivas, que desagregam e intoxicam, precisam ser reciclados. O amor, a educação e arte, ao meu ver, emanam forças capazes de nutrir a sociedade, através da reciclagem e reinvenção das estruturas sociais.



Espiral. Vitória de Oliveira, 2021, acervo pessoal.

Gosto de explorar a linguagem dos GIF's com elementos orgânicos. Para acessar essa GIF vá ao endereço: <https://giphy.com/gifs/TA50nDouZfzWJ0zcyb>

1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

A escolha metodológica da Abordagem Narrativa confluiu com a estrutura da pesquisa, construída com relatos autobiográficos e trabalhos autorais, transitando entre as reflexões individuais e coletivas sobre a potência transformadora da educação e da arte. Os relatos são apresentados em itálico e os trabalhos autorais permeando o texto. Segundo Martins e Tourinho (2009)

A narrativa é uma forma de compreensão da experiência. Ela tem como objeto de estudo histórias de vida vividas e contadas que possibilitam mediações entre pensamento e ação, contexto e circunstância, presente e passado, mapeando os elementos que constroem, tecem significados entre a história individual e a história social dos indivíduos. A pesquisa narrativa não pode ignorar ou muito menos obscurecer as circunstâncias coletivas, os contextos e momentos culturais e históricos de onde essas pessoas emergem. Não podemos perder de vista que aquilo que sabemos – nossas experiências –, aquilo que somos – nossas histórias de vida – e aquilo que sonhamos – nossos projetos – são os focos que queremos compreender e interpretar. Nas sociedades contemporâneas, os discursos dominantes influenciam poderosamente não apenas o que é contado, visto e historiado, mas, principalmente, como é contado, visto e historiado. (MARTINS e TOURINHO, 2009, p. 9)

Neste trabalho articulo minhas observações especialmente a partir das obras Educação e Mudança (2013) e Pedagogia da Autonomia (2011) de Paulo Freire; Tudo sobre o Amor (2021), de bell hooks; artigos de Fernando Hernandez (2017), Raimundo Martins e Irene Tourinho (2009) e Luciana Loponte e Andréa Coutinho (s/d) e Maria do Rosário (2022).

Sou uma estudante cotista, beneficiária da assistência estudantil, fruto da recente política de ações afirmativas, cujo objetivo é oportunizar o acesso de pessoas pobres, negras, e indígenas à educação superior, historicamente restrita a pessoas social e economicamente privilegiadas pela constituição desigual do estado brasileiro.

Tudo isso acaba ganhando alcance no que dizem Martins e Tourinho (2009, p. 5) a respeito da importância de pensar sobre nossa própria experiência em diálogo com o contexto histórico e político: “a crescente utilização da pesquisa narrativa em educação surge da necessidade e preocupação de analisar representações sobre as experiências educativas dos indivíduos assim como de examinar diferentes práticas, processos históricos e suas implicações na vida das pessoas”.

Apresento nesta pesquisa meu testemunho sobre o impacto das políticas públicas educacionais que atravessaram a minha e grande parte das famílias brasileiras. Minha avó e meu pai foram educados durante a ditadura militar, minha mãe entre a ditadura e a redemocratização, já eu e minhas irmãs e irmão fomos educados no período democrático. Foi no governo do primeiro trabalhador a ocupar a presidência, que tivemos a oportunidade de cursar a educação superior através do PROUNI e SISU.

Ao falarmos de experiência estamos nos referindo a vivências que são mesmo tempo pessoais e sociais. As pessoas necessitam ser identificadas e tratadas como indivíduos, mas esta condição (pessoal), não as priva de uma vida social. Como seres humanos construímos nossas experiências de modo relacional, ou seja, sempre em contexto, sempre no mundo social. (MARTINS e TOURINHO, 2009, p. 7)

Escolho deliberadamente abordar a potência inflamável do encontro com o acesso à educação para registrar esse testemunho e provocar reflexões sobre o que podemos vir a ser, se tivermos oportunidades e condições para nos reinventar, a nível pessoal e social. “Assumir esse posicionamento narrativo pressupõe nos distanciarmos da ideia tradicional de que a finalidade de investigação é apenas produzir conhecimento e assumir que também pode possibilitar formas de compreensão da realidade em que os sujeitos e os possíveis leitores possam reposicionar-se”. (HERNANDEZ, 2017, p. 70)

A educação me convidou a repensar, observar as múltiplas realidades e o mundo que nos cerca. Toda inquietação que trazia na busca por respostas sobre o que me acontecia, e o porquê de as coisas estarem como estão se transformaram em questionamentos. Como disse Hernandez, (2017, p. 64) “em geral, fazemos pesquisa não apenas para compreender o que nos inquieta, mas para questionar o que está naturalizado. Para pôr à prova aquilo que sempre tem sido assim, e se diz que não pode ser de outra maneira”.

A educação é um território de disputa pois trata das narrativas que serão disseminadas, apresentando uma visão do mundo que fará parte da construção das perspectivas de cada pessoa. Por trás de cada prática e proposta educativa há uma série de fundamentos, balizados pelo estado, responsável pela educação pública, refletindo na educação privada e em todas as esferas da sociedade.

Dos 522 anos da nossa história, vivemos em uma democracia há apenas 28 anos. Foram 494 anos entre a instituição da colonização até o início da república democrática. Considerando que sequer vivemos 10% da história do nosso país em uma experiência democrática, podemos presumir que experienciamos tensionamentos provenientes de um tempo de transição histórica, onde já desenvolvemos, através da educação formal e não formal, consciência suficiente para mobilizar e articular as mudanças necessárias em direção às devidas reparações históricas, entre estas, a reparação das narrativas silenciadas, e isso inevitavelmente passará pela educação, arte e política.

2 ESPIRAL DE VIDA, ESPIRAL DOS TEMPOS



Espiral. Vitória de Oliveira, 2020, acervo pessoal. A partir dessa imagem criei a GIF da 7ª página.

A vida está em constante processo de transformação. A espiral, símbolo presente na natureza, em diversas culturas e que atravessa os tempos, é atribuída a representação movimento, sendo associada aos ciclos da vida. Tudo passa e se transforma, todo fim é um início.

*Me atenho e retorno à simbologia da espiral desde 2015, quando mudei para Porto Alegre para estudar na UFRGS. Nesse mesmo ano ganhei o livro *Wicca a Religião da Deusa*, onde apareciam as espirais e seus significados, e desde então as pinto com*

tintas orgânicas e industriais. Ao longo dessa jornada de sete anos em busca da minha formação na capital, a única oportunidade que tive de mudar meu destino, precisei lidar sozinha, sem suporte ou recursos, com uma série de desafios para os quais não estava preparada. A cada obstáculo eu visualizava e me conectava com a mensagem da espiral, a impermanência e a ciclicidade, e assim fui pintando, desenhando e modelando espirais por onde passei nesses últimos anos, para lembrar a mim mesma que tudo é passageiro na vida, e por isso, não há com que se preocupar. O meu objetivo inicial era obter uma formação que me garantisse autonomia, mas além disso, Porto Alegre e a Universidade me proporcionaram uma espiral de transformações contínuas, expansão de consciência e conexão com a espiritualidade, que é meu suporte e fonte de inspiração artística e educativa.

A organização econômica, política e social em que estamos inseridas e inseridos faz com que nos desconectemos da consciência acerca da sabedoria inata da vida, de toda a vida que nos cerca, e do propósito da nossa existência. Existimos para viver, não para suportar uma sobrevivência desumanizante. Estamos perdendo a conexão intrínseca que temos com a terra, a mãe que nos acolhe e de quem dependemos totalmente. Não há vida sem ar respirável, sem água potável e sem terra fértil. O nosso país, com suas proporções continentais, abriga um manancial de biodiversidade, e diversidade cultural e humana. Somos um país rico, temos todos os recursos necessários para desfrutar de boas condições vida e prosperidade coletiva.

Nosso planeta existe há cerca de 4,5 bilhões de anos. Fazemos parte do Sistema Solar, que além de nós abriga oito planetas, além de satélites, asteroides e cometas. Estamos dentro da Via Láctea, uma galáxia em formato de espiral que abriga o sistema solar e tem cerca de 13 bilhões de anos. Estima-se que existam 2 trilhões de galáxias no Universo observável. Somos parte e fruto do Universo, somos seres naturais e perecíveis, estamos localizadas e localizados em um determinado espaço tempo da história da humanidade deste planeta, habitando uma fração do espaço tempo do Universo, do qual sabemos relativamente pouco. A vida que conhecemos hoje faz algum sentido com a nossa natureza?

As expectativas de vida em nosso país variam de acordo com classe, raça, gênero e orientação sexual. Mas utilizemos a média apresentada pelo IBGE em 2021: 76 anos. Parte deste período estamos conhecendo o mundo através do olhar da nossa família/comunidade e delas somos dependentes e suscetíveis. Consideremos aqui nesta reflexão que a partir dos 20 anos tenhamos certa autonomia para iniciar a jornada em direção à vida adulta e ao amadurecimento, com meio século a frente para desfrutar da existência neste planeta. Do que estamos usufruindo, como estamos nos desenvolvendo e o que estamos construindo, individual e coletivamente, nesta breve passagem?

Não por acaso aceitamos passivamente às condições de vida degradantes, a distribuição injusta dos recursos, a concentração desigual das riquezas e a exploração deste planeta casa que tudo nos oferece sem custo. Também não é por acaso que as informações cheguem a nós atravessadas e descontextualizadas, que as notícias falsas (fake news) sejam ampla e intencionalmente difundidas, que as narrativas frívolas sejam divulgadas em maior volume e velocidade do que a educação e as proposições questionadoras e transformadoras.

A sabedoria que a vida inspira é o equilíbrio e a justiça. Para que haja harmonia é necessário o respeito à vida e a cooperação visando o bem estar coletivo. Estamos – nós, a natureza e todas as formas de vida – em uma conexão indissolúvel. Vivemos em uma grande sociedade global, ilusoriamente dividida por fronteiras historicamente construídas.

A violência, a desigualdade, a fome e todas as facetas da indignidade a qual somos submetidas e submetidos aqui, e em todo o mundo, são reflexos dos processos históricos encobertos por camadas de desinformação e deseducação. O sistema econômico atual – demandante político, social e cultural – é o capitalismo, organizado para obter lucro sobre o trabalho e exploração dos recursos naturais. Para que concordemos com essas condições inaceitáveis de vida, é necessário que não tenhamos consciência sobre o que e como ocorre, nem tenhamos tempo e informações para que possamos refletir e questionar.

Sou de uma cidade interiorana do Rio Grande do Sul, e não me interessava nem pensava sobre o mundo, sobre as condições de vida que tinha, sobre a organização da sociedade. Estou construindo consciência a respeito desses temas através do acesso à educação, e das oportunidades e encontros proporcionados por este acesso. Não afirmo estas reflexões como verdade absoluta, sou jovem e ainda tenho muito o que aprender, mas proponho estes questionamentos para que possamos pensar a respeito juntas e afiar nossa capacidade de discernir e agir.

2.1 Dignidade, política e educação

Desejar uma vida digna para si e para todas as pessoas é uma necessidade humana, e um direito que nos é assegurado por uma série de dispositivos nacionais e internacionais, firmados pelos países da Terra, que não estão sendo cumpridos, pois garantir a integridade humana e natural alteraria as estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais.

Porque não estudamos na escola os gráficos da concentração de riqueza nos países, nem quem são as pessoas, corporações e nações que influenciam os processos políticos locais e globais, que afetam diretamente a sua vida e de todas as pessoas, determinando as nossas condições de vida e a manutenção das desigualdades? Enquanto informações como estas não forem apresentadas de maneira sistêmica, atravessando as diversas áreas do conhecimento e da vida concreta, dificilmente iremos compreender a complexa configuração social que produz a realidade contemporânea.¹

Organizar e realizar a transformação das estruturas políticas, econômicas, sociais e culturais demanda a cooperação e articulação do maior número possível de pessoas dispostas a estes objetivos, continuando o trabalho já realizado ao longo da história, para criar e fazer valer os direitos assegurados pelos dispositivos legais ratificados pelos países, e execução dos planos de ações firmados.

Para citar alguns, temos a Declaração Universal dos Direitos Humanos, ratificada pelo Brasil em 1948, qual traz em seu preâmbulo a afirmação de que “o reconhecimento da dignidade inerente a todos os membros da família humana e de seus direitos iguais e inalienáveis é o fundamento da liberdade, da justiça e da paz no mundo.”

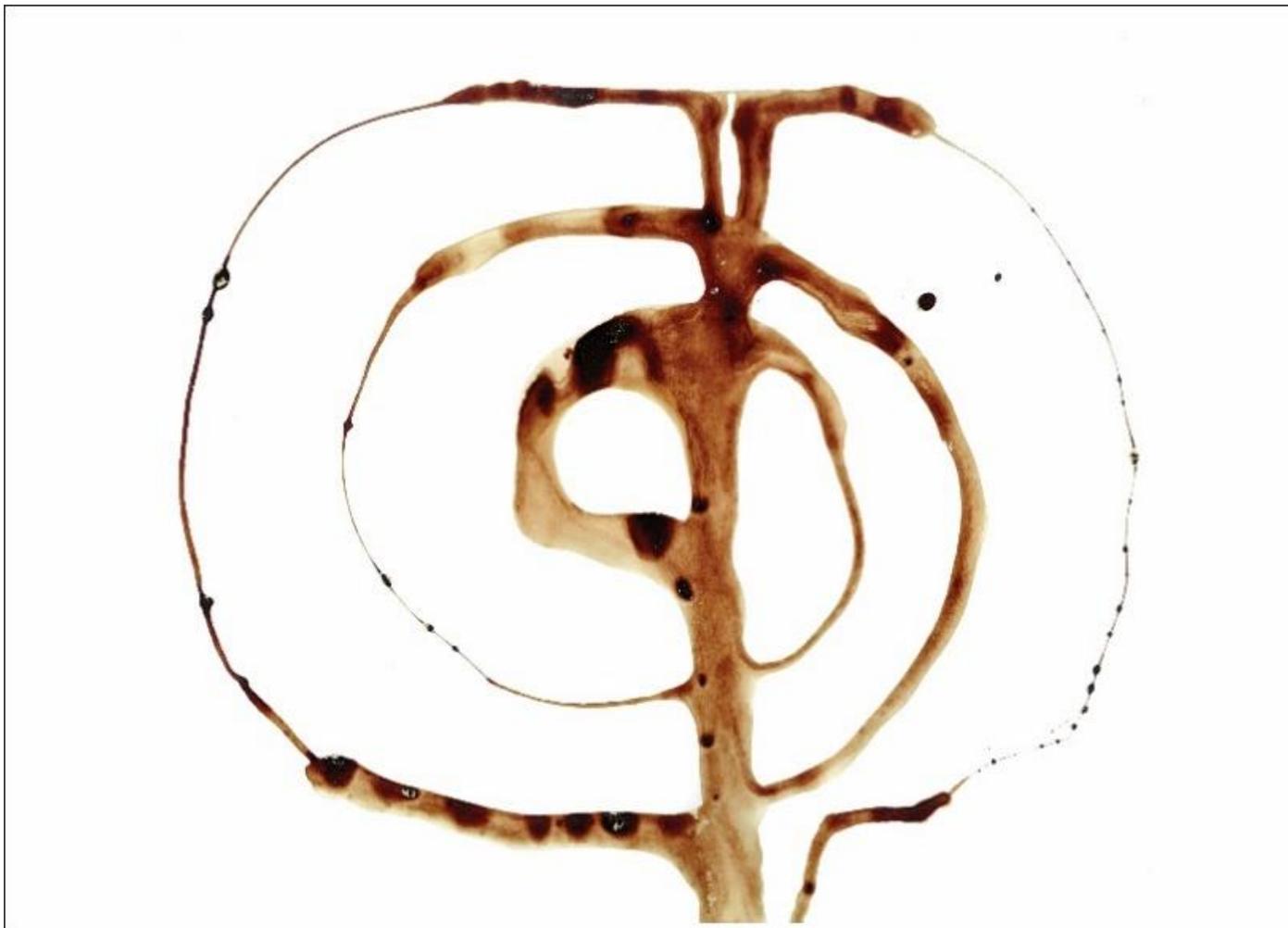
Já a Constituição da República Federativa do Brasil, de 1988, afirma em seu primeiro artigo que a cidadania e a dignidade da pessoa humana são dois dos cinco fundamentos do Estado Democrático de Direito. No artigo sexto de seu segundo capítulo, tratando

¹ Segundo levantamento da OXFAM, utilizando os dados de 2019, os 2153 bilionários do mundo têm mais riqueza que 60% da população global.¹

dos direitos sociais, afirma que “são direitos sociais a educação, a saúde, a alimentação, o trabalho, a moradia, o lazer, a segurança, a previdência social, a proteção à maternidade e à infância, a assistência aos desamparados.”

Precisamos aprender a cooperar, respeitando os nossos próprios limites, das pessoas e da natureza, utilizando nossa inteligência e criatividade para desenvolver soluções sustentáveis para as problemáticas locais e globais, afim de construir uma comunidade humana justa, harmoniosa e saudável. E para isso precisamos nos reeducar, através da educação formal, não formal e social; ressignificando os nossos valores culturais, pessoais e coletivos e construindo um horizonte de paz e prosperidade para todas as pessoas da Terra.

3 VIOLÊNCIA CÍCLICA & DISPUTAS NARRATIVAS



Sem título. Vitória de Oliveira, 2015, acervo pessoal.

Essa foi umas das minhas primeiras experiências com o sangue menstrual.

Há poucos dias descobri que no dia em que meu pai foi retirado de casa pelo oficial de justiça, ele entrou no quarto da minha irmã, na época com 15 anos, e gritou: tá satisfeita agora Luísa?! Para a minha mãe, disse que comeríamos merda sem ele. E eu, o estava ajudando a retirar suas coisas de casa, triste. Não entendia nada, não sabia o que significava aquilo, e me tranquei no quarto. Minha mãe apareceu na porta e eu perguntei porque, e ela me perguntou se eu sabia quantas mulheres são mortas pelos seus companheiros todos os dias. Eu não sabia. Eu não fazia ideia. Isso aconteceu pouco tempo antes do Natal, quando a luz foi cortada porque ele não pagou a conta.

Vitória das Mulheres

Meu nome é Vitória, sou filha de uma mãe adolescente que fugiu de casa com um homem adulto. Passei a apreciar meu nome escutando as histórias de vida (trágicas) das mulheres. Sou natural de Sapiranga, região metropolitana de Porto Alegre. Vivi em meio a violência doméstica, em uma localidade preconceituosa. Desde pequena percebia que algo estava errado no meu entorno: as humilhações, as surras, o safeto, os assédios, os abusos, a falta de respeito. As mulheres me salvaram de ser mais uma vítima. Elas me ensinaram a ser quem sou e sobretudo, a ter coragem de ser feliz independentemente das circunstâncias.

Hoje me encontro onde nenhuma mulher da minha família esteve. Me encontro onde a maioria das mulheres não está presente, nem poderia. Entre duplas e triplas jornadas, violência doméstica e feminicídios, não há tempo nem suporte para que as mulheres se desenvolvam intelectualmente. A todo momento somos assediadas e recebemos mensagens de inferiorização e desprezo.

Da infância ao início da vida adulta, a convivência familiar orbitava em torno do meu pai, que durante doze anos foi vereador de um partido conservador. Ele se e nos cercava de muitas pessoas, sobretudo homens, políticos e trabalhadores. O que eu conhecia como vida

era servir esses homens estranhos e ser ordenada a fazer coisas que não desejava, mas não tinha escolha. Nós (minha mãe, irmãs e irmão) éramos a estampa da família tradicional, o respaldo e a sustentação da sua política, bibelôs multifuncionais. Minha mãe era encarregada, sem remuneração, consentimento ou agradecimento, a fazer presentes artesanais em larga escala, preparar tortas para presentear pessoas, e tantas outras coisas que ele decidia, e nos incumbia.

Quando menina eu apenas sonhava em não ser mais maltratada. Viver em paz era e é o meu principal objetivo de vida. Na escola eu sentia que era gente. Além de estar em um local seguro, me tratavam bem, incentivavam e respeitavam. Então na pré-escola decidi ser professora para estar próxima das crianças, cuidando delas. Ao ser maltratada eu desejava que alguma pessoa adulta me ajudasse. Mas ninguém intervia, e então eu entendi que as crianças não têm com quem contar.



Registro do meu primeiro dia de aula. Ao fundo, do outro lado da rua, a casa do senhor Carlito, um amigo alcoólatra do meu pai, que beijou minha boca quando eu tinha aproximadamente 10 anos. Eu ia a casa dele sozinha, pra jogar burro, depois disso parei de ir e ainda assim, meu pai insistia que eu o visitasse. Nunca mais joguei carteadado.

Por sorte fui criada junto a jardins floridos, hortas, árvores e o Morro Ferrabraz. O vapor cheiroso do chá de poejo na casa da minha avó Sueli e suas variedades de chás e plantas me faziam sonhar e desejar compreender a sabedoria da natureza. A minha casa era cheia de árvores, flores e arbustos. A floricultura da minha madrinha Nilza, repleta de fontes de água, sinos de vento, arranjos e vasos de flores, me provocava a pensar que a vida poderia ser diferente.

Jamais pretendi entrar na universidade, apesar de gostar de estudar. Não havia esse horizonte, portanto, não o vislumbrava. O que houve em minha história foi uma ruptura, uma porta se abriu e eu entrei. Um filete dessa porta se abriu quando minha mãe, Debora, decidiu que ia se separar do meu pai. O PROUNI havia sido criado recentemente, era algo desconhecido, mas ela descobriu e passou a estudar, com o objetivo de garantir uma profissão e nos levar embora.

Lembro dela estudando muito na mesa de jantar, e da sua felicidade ao ser contemplada com uma bolsa integral no curso de direito da UNISINOS. Infelizmente não conseguiu concluir a graduação, pois em meio aos estudos denunciou meu pai por violência doméstica, e um dia pela manhã apareceram várias pessoas e um oficial de justiça, o obrigando a se retirar da nossa casa.

3. 1 Antes mesmo de eu saber, já me disseram quem sou e serei

Hoje sou eu quem escrevo e conto a minha história. Na infância, adolescência e início da vida adulta, fui refém das percepções alheias, e me compreendia pequena, desimportante. Nessa reconfiguração narrativa em curso, sou minha voz e versão.

Dupla ou tripla jornada
De cansaço embriagada
Coluna invertibrada
Cordas vocais engasgadas
Mãos atadas
Diária e diversamente violentada
Mutilada, menosprezada e ridicularizada
Mãe que doa leite é vaca leiteira
Deputada de oposição não é merecedora de estupro, pois é feia
Mas deixa, estamos acostumadas
Afinal, é só uma piada

Escrevi essa poesia em 2016 e o autor do crime de ódio contra Maria do Rosário, professora e deputada mencionada, é hoje o presidente do Brasil. Eleito sem ir a um debate, sucedendo a primeira presidenta da história do país, Dilma Rousseff, deposta por um golpe parlamentar amparado pela violência política de gênero. Naquele dia, assistindo a votação do impeachment na Praça da Matriz, soube que entrávamos em um estado de exceção. “Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff” foi o que

disse o então deputado, justificando seu voto, homenageando o militar que torturou Dilma e tantas outras pessoas durante a ditadura. Este homem representa o fascismo, essa visão e postura envolta em uma teia de narrativas falsas e descontextualizadas, disseminadora de ódio contra a diversidade, instigadora e promotora da violência, defendendo seus atos em nome de Deus, da pátria e da família.

Em geral, os fundamentalistas, sejam eles cristãos, muçulmanos ou de qualquer fé, moldam e interpretam o pensamento religioso para fazê-lo se conformar a um status quo conservador, legitimando-o. Pensadores fundamentalistas usam a religião para justificar o apoio ao imperialismo, ao militarismo, ao machismo, ao racismo e à homofobia. Eles negam a mensagem unificadora de amor que está no coração de todas as principais tradições religiosas. (HOOKS, 2021, p. 101).

Jesus Cristo, personagem mítico do cristianismo, seria crucificado novamente nos dias de hoje. Ele, um líder antigo defensor dos direitos humanos, revolucionário e amoroso, é a imagem de todas e todos que tiveram suas vidas abreviadas pelas balas dos que falsamente dizem professar em seu nome. O Messias da Mentira, amigo e admirador de torturadores, milicianos e criminosos, combate os direitos humanos enquanto os utiliza como respaldo para proteger a si e seus aliados.

Um exemplo disto é o decreto de extinção da pena de Daniel Silveira, condenado a 8 anos e 9 meses de prisão por ataques antidemocráticos. O ex-policia militar, filiado ao partido presidencial, foi quem quebrou sorrindo a placa que homenageava Marielle Franco, defensora dos direitos humanos, vítima de um atentado político ainda não solucionado. Como se não bastasse, foi votado pelo seu partido como membro titular da Comissão de Constituição e Justiça. Maria do Rosário, representante política desde 1992, escreve sobre a violência no Brasil, em seu artigo para o recém lançado livro *Violência Política de Gênero*:

Que a violência está no âmago da política no Brasil, e muito além de lhe imprimir método e forma, participando de seu conteúdo cultural, é fato reconhecido. É comprovado também que nações que experimentam violência sistemática e organizada do Estado ou de estruturas exerçam papel análogo conservam ativas as memórias do terror, da perseguição e do medo, cujo processo de superação exige, em primeiro lugar, romper o silenciamento. Assim, é o conhecimento da verdade sobre a prática da violência em cada país que inaugura o processo referido como justiça de transição, capaz de romper a cultura autoritária e de construir valores democráticos. Ocorre que no Brasil não fizemos esse processo, e, nos aspectos pontuais em que buscamos exorcizar os horrores da violência política de Estado, não o fizemos até o fim. Não se trata de um ferimento aberto, mas de ter sido fechado infectado, de forma que segue a nos corroer por dentro. Nesse contexto, tanto histórico quanto eivado por particularidades do presente, a violência política pode ser considerada a matriz sobre a qual as demais expressões violentas, que são as graves e sistemáticas violações aos direitos humanos

em natureza diversa que ocorrem no Brasil, atingem a sociedade e destroem a vida das pessoas. (ROSÁRIO, 2022, pg. 138 e 139).

A violência que nutre as nossas raízes também se mantém através das narrativas que respaldam sua continuidade. A instituição da desinformação como estratégia política causa danos profundos às pessoas e à sociedade

Desinformação é o termo mais amplo para nos referirmos a qualquer tipo de conteúdo falso, impreciso, tendencioso, distorcido ou fora de contexto, criado de forma intencional ou não. Já as fake news são um tipo bem específico de desinformação. O termo diz respeito a conteúdos propositalmente falsos, ou seja, que foram criados com intenção de enganar. Além disso, muitas vezes imitam o visual e o estilo de veículos de comunicação sérios, tentando pegar carona na credibilidade. As motivações para criar e disseminar fake news vão desde ganhar dinheiro até conquistar apoio para determinada causa ou ideia. O termo desinformação contempla um conjunto maior de conteúdos. Pode, por exemplo, ser resultado de um erro não intencional cometido por um jornalista, de um dado divulgado de forma incompleta ou mesmo de um título mal escrito. A desinformação também pode ter origem no baixo letramento informacional do público. É o que acontece, por exemplo, quando uma sátira é confundida com informação real, ou quando um leitor vê apenas a manchete (título) de uma reportagem, sem olhar o restante da notícia com um retrato mais completo do assunto. (FERRARI, OCHS, MACHADO, 2021, p.43)

As reflexões contemporâneas sobre a educação estão atreladas à política, pois estamos diante de um retrocesso dramático em todas as esferas da vida pública e privada, e a educação ocupa uma posição estratégica. Passamos os últimos quatro anos convivendo diariamente com tragédias, estamos em uma crise política, social e cultural agravada pela negligência, sobrevivendo ao caos da violência, da fome, do desemprego, da inflação, da destruição e dos desastres ambientais, da desesperança.

Mais do que nunca, quando há governantes de orientação fascista no comando do país, a violência política funciona como uma espécie de referendo ou aval cultural da autoridade, ainda que marcada pela ilegitimidade ou ilegalidade, permitindo o reforço de hierarquias que nunca deveriam ter sido instituídas e precisam ser apontadas como inaceitáveis, como a de gênero. A violência endêmica, multifacetada, difusa que ocorre no cotidiano brasileiro precisa ser compreendida em cada uma de suas expressões, para vir a ser culturalmente enfrentada e estruturalmente desmantelada. Mas reconhecer na violência política a matriz de onde partem suas expressões implica estabelecer em grau de prioridade o seu enfrentamento no exercício do poder político e a defesa efetiva da democracia. No sentido contrário, o que ocorre no Brasil é que a violência ocupa lugar mais destacado na política do que o debate de ideias. Ao longo dos últimos anos foram combinadas a violência de perseguição e morte a adversários políticos, como ocorreu no assassinato de Marielle Franco, com tecnologias que diversificaram o alcance e o poder destrutivo da imagem pública e da vida privada de adversários por meio do uso não ético das tecnologias de informação. (ROSÁRIO, 2022, pg. 138 e 139).

Os contínuos avanços tecnológicos transformaram o modo como nos conectamos e consumimos informação, sendo necessário repensar as práticas educativas e acrescentar temas emergentes. As lacunas geradas pela precarização da educação e falta de orientação em relação as transformações tecnológicas oferecem deixas para proliferação da desinformação, possibilitando a assimilação de narrativas tendenciosas e falsas, influenciando a perspectiva popular e inclusive, definindo uma eleição presidencial. O resultado do pleito de 2018 nos informou que a população precisa ser melhor atendida na educação básica, e atualizada perante as novas tecnologias, para que tenha plena capacidade de compreender os enredos subentendidos nas informações e realizar a triagem adequada, exercendo assim a cidadania e a democracia. Educação Midiática e Educomunicação são conceitos que tratam deste tema

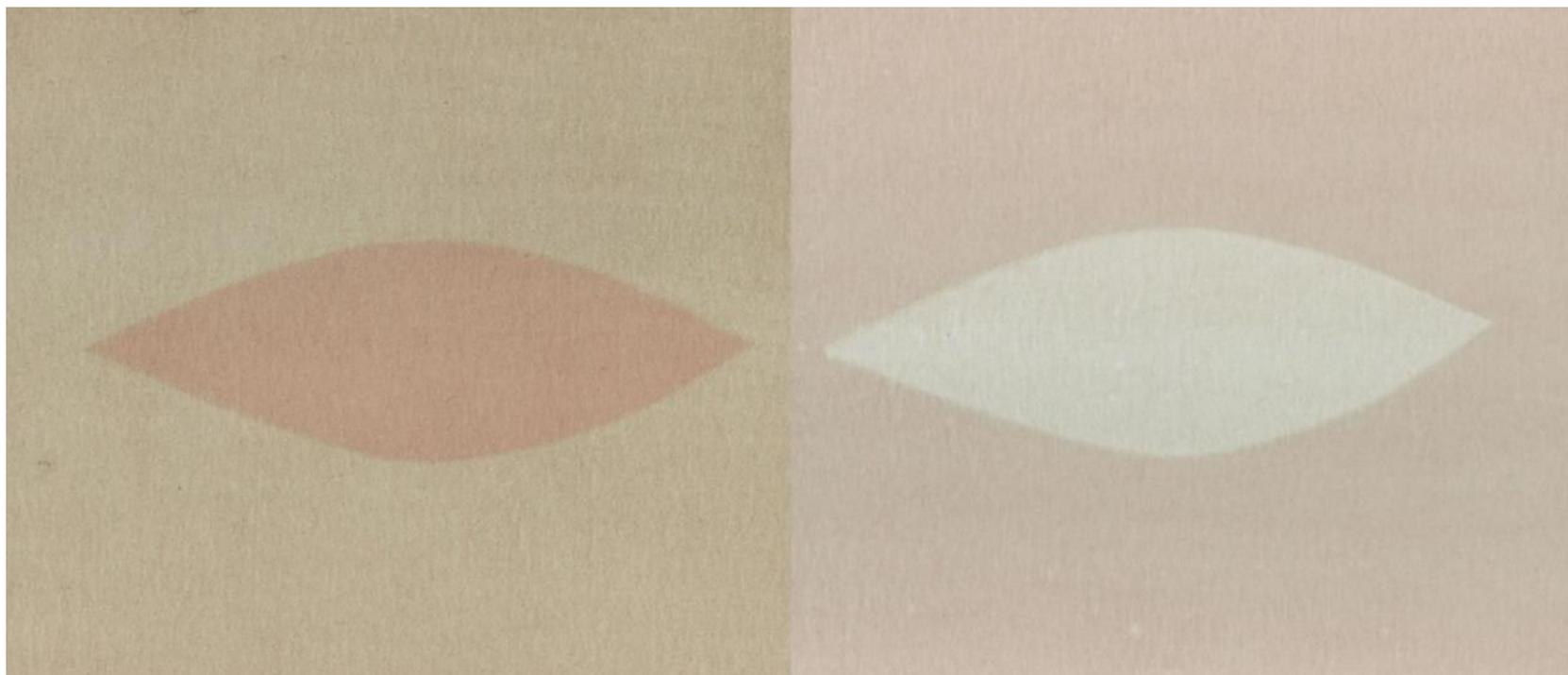
A educomunicação e a educação midiática relacionam-se de maneira simbiótica. A primeira alimenta-se das práticas da educação midiática quando educa para o consumo das mídias e desenvolve a fluência e a ética no ambiente digital. E a educação midiática ampara-se na educomunicação quando, por exemplo, incentiva a autoexpressão de crianças e jovens para que tenham voz e plena participação na sociedade. O conceito de educomunicação ganhou força a partir da década de 1990, como um novo campo de pesquisa e intervenção social na América Latina, nascido da interface entre as áreas de educação e comunicação. De certa forma, esse grupo sistematizou práticas oriundas da comunicação popular. O que logo ficou claro é que o foco dos trabalhos e projetos de educomunicação não era apenas a análise dos meios de comunicação em si, mas as possibilidades de intervenção da comunicação como expressão de grupos ou gestão de vozes e desejos. (FERRARI, OCHS, MACHADO, 2021, p. 51)

Estamos vivenciando e presenciando uma transição histórica, reconfigurando as narrativas através da expressão das vozes silenciadas. A tecnologia possibilitou a conexão e expressão popular, antes restrita aos oligopólios midiáticos que definiam o que, como e quando as informações eram apresentadas. A questão que nos envolve é a educação para a utilização saudável, ética e responsável das tecnologias, e a construção de balizadores para os ambientes digitais.

Acreditamos também na educação midiática como um direito humano, que empodera o cidadão e o transforma em alguém capaz de contribuir positivamente para a sociedade, fortalecendo ainda mais o ambiente democrático. Se olharmos a democracia como um processo em construção, o papel da educação é crucial para que possamos atingir o objetivo almejado. Educar para a democracia é ensinar desde cedo o valor da liberdade de expressão, da liberdade de imprensa, do respeito as diferenças, da pluralidade, da tolerância, da empatia, da preservação dos direitos políticos, das liberdades civis, da transparência, do livre acesso à informação e, principalmente, do respeito às liberdades individuais para a construção da cidadania. (FERRARI, OCHS, MACHADO, 2021, p.43)

Cientes da ciclicidade da violência e da vital importância da democracia para o seu enfrentamento, cabe a nós profissionais da educação atentar para as tentativas de fragilização da democracia, observando as estratégias utilizadas, atualizando as nossas práticas e nos capacitando para contribuir com a resistência ao autoritarismo, à censura, e todos os demais ataques à liberdade e dignidade humana.

4 EDUCAÇÃO E AMOR COMO PORTAL PARA O PRÓPRIO INTERIOR



Visão – fotografia, camera-less. Vitória de Oliveira, 2019, acervo pessoal.

Com esse trabalho me senti literalmente uma cientista. Desenvolvi na disciplina Tópicos Especiais em Fotografia II, com a orientação da artista professora Andréa Bracher. Nessa disciplina nós estudamos e realizamos fotografias utilizando sumos vegetais como emulsão fotossensível. Há sete anos faço experiências com o sangue menstrual, e nessa fotografia experimentei utiliza-lo para estudar sua reação em contato com o sol. Ao contrário dos sumos vegetais que desbotam em contato com o sol, o sangue intensifica a sua cor.

Através da educação eu aprendi a ver, e ser vista.

Agora, no último semestre destes sete anos, dei um passo em direção a um desejo antigo: a arte burlesca. Além de escrever o TCC e realizar o estágio no ensino médio, estou cursando uma disciplina de cabaré e burlesco no DAD. É meu primeiro contato e experiência com o teatro, um misto de emoções e reverberações. Acho que o teatro tem equilibrado a tensão desse momento, canalizando a energia pra um caminho desejado e desejante, que tem me mostrado outra forma de ver, sentindo, presente.

Na primeira aula prática passamos mais de duas horas fazendo exercícios de olhar e se deixar olhar, em silêncio. Foi tão impactante que minha tagarelice emudeceu. Quando a aula acabou e o professor Henrique perguntou sobre como foi a prática, eu estava e não estava lá. Ouvia em plano de fundo as e os colegas se manifestando, e só conseguia pensar: alguma coisa aconteceu aqui. E desde então venho pensando sobre a visão, sobre seu desenvolvimento prático e sensível. Educar é um modo de desenvolver a visão através do conhecimento, e quase sempre o corpo está em último plano; tenho pensado que esse é um ponto que enfraquece as práticas educativas, a desconexão com o momento presente e com as pessoas envolvidas. Passar alguns minutos admirando alguém e se permitindo ser admirada gerou um estado de presença e conexão que não havia experimentado antes.

Para descobrir quem se é e pode vir a ser é preciso aprender a ver com os próprios olhos, para além da fronteira dos condicionamentos familiares e sociais. Compreender que somos condicionados por fatores que delimitam a nossa perspectiva íntima e coletiva é o ponto de partida para o exercício reflexivo criativo, transformador de si e da sociedade.

Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-me no mundo. Se sou puro produto da determinação genética ou cultural ou de classe, sou irresponsável pelo que faço no mover-me no mundo, e se careço de responsabilidade não posso falar em ética. Isso não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos seres condicionados, mas não determinados. Reconhecer que a história é tempo de possibilidade e não de determinismo, que o futuro, permita-se-me reiterar, é problemático e não inexorável. (FREIRE, 2013, pg. 15)

Enxergamos o horizonte e conhecemos a história daqueles que invadiram o nosso território, nos relacionamos e atribuímos valores sociais de acordo com o olhar dos invasores. Somos fruto da colonização, e apesar desta tragédia datar 522 anos, continua ecoando nas nossas subjetividades e coletividade. A visão de mundo colonial, autoritária e restritiva, atravessa a nossa existência e permanece viva, infiltrada na ignorância, intencionalmente cultivada.

Distintas facetas da opressão foram manifestadas ao longo da história do nosso país: a colonização, a escravização, a monarquia, as oligarquias, as ditaduras. Todos esses sistemas autoritários mantiveram-se através da violência, da publicização de narrativas distorcidas e falsas, da restrição do acesso à educação e atuação política.

A experiência democrática brasileira é jovem, cabe a nós trabalhar para desconstruir a herança colonial e reconstruir as nossas identidades, histórias e visões. A educação é parte fundamental dessa transformação, e por isto é alvo frequente da política de precarização e contenção intelectual: cortando recursos, desvalorizando a docência, mantendo as escolas desestruturadas, efetuando contra reformas nas diretrizes educacionais nacionais, incitando a população a exigir a censura de debates contemporâneos como gênero, sexualidade, racismo.

Através da visão e do contato com a diversidade assimilamos possibilidades de existência e as naturalizamos. A troca que ocorre nas relações sociais com outros seres humanos, naturalmente diversos, apresenta modos de ser e pensar que nos afetam e transformam.

Crescemos e nos desenvolvemos pessoalmente através do contato social, e quando os atravessamentos políticos interferem na liberdade individual, estão também conformando a coletividade, impedindo o curso natural do desenvolvimento social.

A escola é o espaço educativo presente em todos os recantos do país, sendo um elo conector com a comunidade e o território. É a equipe escolar, especialmente as e os professores, que acompanham o dia a dia das crianças, adolescentes e adultos; e observando continuamente é possível identificar suas realidades. A escola desempenha papéis para além da educação, atuando diretamente em contextos negligenciados pelas políticas públicas. É a professora e o professor que percebem quando há algo de errado, se a/o estudante está com fome, se apresenta marcas de agressão ou negligência, se tem o que calçar, o que vestir em dias frios, se tem o material básico para estudar.

A escola pública é um forte. A educação e a atenção oferecida pela escola à comunidade fazem dela um ponto de referência. As professoras e professores também são agentes sociais, e isso aporta poder. Manter a escola em condições degradantes e impor limites à educação é um modo de fragmentar este poder e afastar a oportunidade de as pessoas compreenderem a si, e ao mundo.

Outro sentido mais radical te a assunção ou assumir quando digo: uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com o professor ou a professora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto. (FREIRE, 2013, pg. 35)

Desde o golpe parlamentar sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016, observamos uma escalada persecutória aos direitos humanos, especialmente a liberdade de expressão pessoal, social, política e religiosa, qual tomou proporções alarmantes com a eleição presidencial de 2018.

A invenção da existência envolve, repita-se, necessariamente, a linguagem, a cultura, a comunicação em níveis mais profundos e complexos do que o que ocorria e ocorre no domínio da vida, a “espiritualização” do mundo, a possibilidade de embelezar como de enfeitar o mundo, e tudo isso inscreveria mulheres e homens como seres éticos. (FREIRE, 2013, p.45).

Estamos convivendo com o genocídio da população negra, casos abomináveis de racismo, perseguição e tentativas apagamento cultural da espiritualidade afro-brasileira e indígena; com as notícias de feminicídios e abuso sexual de mulheres e crianças; com o resgate de pessoas em condições de trabalho análogo à escravidão; com a perseguição e assassinatos brutais da comunidade LGBTQIA+, especialmente as mulheres e homens trans; com a tentativa de desterro das populações indígenas originárias, entre tantas outras manifestações do desmonte político e desintegração social e cultural.

A decomposição da humanidade está ocorrendo mediante a ação de representantes políticos que agenciam os recursos, o poder de decisão e a influência nacional, para favorecer seus próprios interesses e das pessoas, corporações e instituições que subsidiam suas campanhas eleitorais. Estamos acostumadas e acostumados com representantes que sequer disfarçam a corrupção, e quando comprovada, nada ocorre. A política e a justiça eximem a responsabilidade de quem tem poder e perseguem quem não tem. É a injustiça que prossegue em nosso país.

Roubam o nosso direito de existir, o dinheiro escasso do nosso trabalho, a liberdade de decidir quem somos, os nossos credos, os nossos sonhos. Sabem que temos poder e por isso fiscalizam cada pequeno detalhe dos nossos passos, para censurar modos de ser, escritos, obras de arte, produções cinematográficas, peças de teatro, músicas, exercícios em sala de aula. Sabem que a arte e a educação são oráculos que ampliam o horizonte das pessoas. E é exatamente por saberem que desmontam a educação, as escolas, a formação docente, a economia, a cultura. Pessoas famintas não tem força para estudar, docentes exaustas e exaustos, com salário miserável, não tem energia para elaborar planos ousados, escolas caindo aos pedaços, sem merenda, não atraem as e os estudantes. Tudo está devidamente organizado para manter a nossa estagnação intelectual, emocional e espiritual.

4.1 Educação, política e sociedade

A quem interessa a nossa falta de consciência política? E o que isso tem a ver com a educação e com a sociedade?

A educação e todas as áreas da nossa vida, pessoal e coletiva, estão conectadas com a política, gostemos ou não. É a política que gerencia a educação pública (formal, não formal e social), que define quais serão os investimentos ou cortes feitos, que abre ou fecha escolas e universidades, que valoriza ou não as professoras e professores, que constitui e altera as diretrizes educacionais e efetua as reformas.

A educação é uma estrutura de sustentação política e ideológica, qual transparece a orientação e propósitos governamentais. A educação e gestão pública emitem uma visão de mundo que influencia e constitui parte da perspectiva e horizonte da população. Podemos observar isso nos conflitos geracionais emergentes: pessoas que cresceram e foram educadas e educados antes e durante a ditadura militar costumam apresentar rigidez de pensamento e personalidade, o que colide com as pessoas mais jovens, nascidas e educadas no período democrático, gerando naturalmente conflitos.

Apresento um exemplo: meu pai, a pessoa mais violenta da família, cresceu e foi educado entre o governo de Getúlio Vargas e a ditadura militar, em uma escola rural. Nessa escola batiam nas crianças, e as expunham a situações vexatórias (ajoelhar no milho, ficar de costas no canto da parede) caso desobedecessem ou errassem uma resposta. Para além da escola, há a família, que também é um núcleo educacional onde as pessoas aprendem um modo de vida e a se relacionar socialmente. Em sua família, com muitos filhos, conviviam com a fome e espancamentos. Já em sociedade, na ditadura militar e suas vésperas, a repressão da expressão era associada à ordem social e a segurança nacional, ao “bem”, que luta contra o “mal”: as ameaças comunistas subversivas que poderiam destruir a família e a nação, discurso consolidado e até hoje disseminado.

Os valores sociais aprendidos por meu pai e toda essa geração de pessoas associam à violência ao respeito. O impacto de uma gestão política atravessa a administração pública e conforma profundamente uma geração, pois define todos os aspectos da vida cotidiana

e apresenta um modo de ser, gerando traumas coletivos não tratados, por não serem reconhecidos e administrados. O dano social causado pela ditadura por exemplo, está nas nossas relações sociais como um todo, da organização familiar à organização da sociedade. Por mais que eu e minha família tenhamos tentado ajudar o meu pai a rever seu modo de ser e nos tratar, ele nega que há algo errado em seu comportamento, e não compreende o que queremos dizer; assimilou completamente a educação e as mensagens emitidas pela ditadura.

O sofrimento psíquico apresentado por ele nos comove, ao mesmo tempo que não conseguimos manter proximidade. Todo esse discurso conservador sobre a família está invertido: foi a ditadura (e todas as organizações políticas autoritárias) que arruinou as famílias, implementando uma visão de mundo restrita nas pessoas, que vieram a se tornar pais e mães, e quando estes reproduziram exatamente o que aprenderam (o autoritarismo e a violência) acabam por desintegrar suas famílias. O que vimos nas eleições de 2018 também reflete isso, o quanto muitas dessas pessoas estão intimamente presas a um ideal publicitário emitido pelo regime militar, afirmando que “na ditadura era bem melhor”, “não havia corrupção”, “as pessoas eram educadas”, “as coisas funcionavam” ... ideias sabidamente falsas. A desinformação produzida por ideologias políticas restritivas e autoritárias se vale da educação e das mídias para confundir as pessoas, que calcificam intelectual e emocionalmente mentiras que distorcem a realidade.

Um governo efetivamente democrático precisa apresentar uma visão plural e equilibrada, difundindo através da educação e mídias debates relevantes e pertinentes, de modo ético e comprometido com o crescimento e desenvolvimento sustentável da população e nação. O que observamos ao longo da história do nosso país é a promoção da deseducação: a restrição direta e indireta do acesso à educação, investimentos insuficientes constantemente reduzidos, desvalorização das professoras e professores, precarização dos ambientes escolares, efetivação de reformas que minimizam as áreas do conhecimento sensível reflexivo e enfatizam os conhecimentos básicos necessários à geração de mão de obra técnica, sem interesse na promoção da cidadania e dos direitos humanos. Esta é inclusive, uma marca dos regimes antidemocráticos: os ataques desinformativos a respeito dos direitos humanos, paralelamente à disseminação de discursos de ódio e incitação à violência, criando uma comunicação caótica, tensa e socialmente desintegradora.

As ameaças e retrocessos que enfrentamos na educação brasileira, sobretudo na educação pública, são evidências de um projeto político que tem como objetivo a manutenção da alienação social, utilizando a deseducação como uma ferramenta de subjugo político, cultural, social e espiritual. Dominando e conformando as existências para manter as estruturas da desigualdade intactas.

A constituição da república federativa do Brasil afirma em seu primeiro parágrafo que *todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente*.

Como exercer o poder se não compreendemos o funcionamento da administração pública e as atribuições e responsabilidades das e dos nossos representantes? Como é possível uma democracia sem a participação esclarecida da população? Porque não aprendemos sobre política na escola e mídias públicas, se toda a nossa vida cotidiana é diretamente afetada pelas ações políticas?

Nos encontramos em uma encruzilhada histórica, na qual as estruturas e sistemas estabelecidos demonstram a cada dia seu iminente colapso, e a sociedade reflete os conflitos decorrentes deste desfalecimento estrutural. A precarização e desmonte da educação alimenta o caos e a confusão mental, impede o discernimento sobre a composição da realidade, resultando no impedimento à ação ou a ação contraproducente. Neste momento o horizonte do futuro é limitado as regras e valores destes sistemas em colapso, bloqueando a visão de possibilidades emergentes, que nascem através da consciência e das experiências do passado e presente.

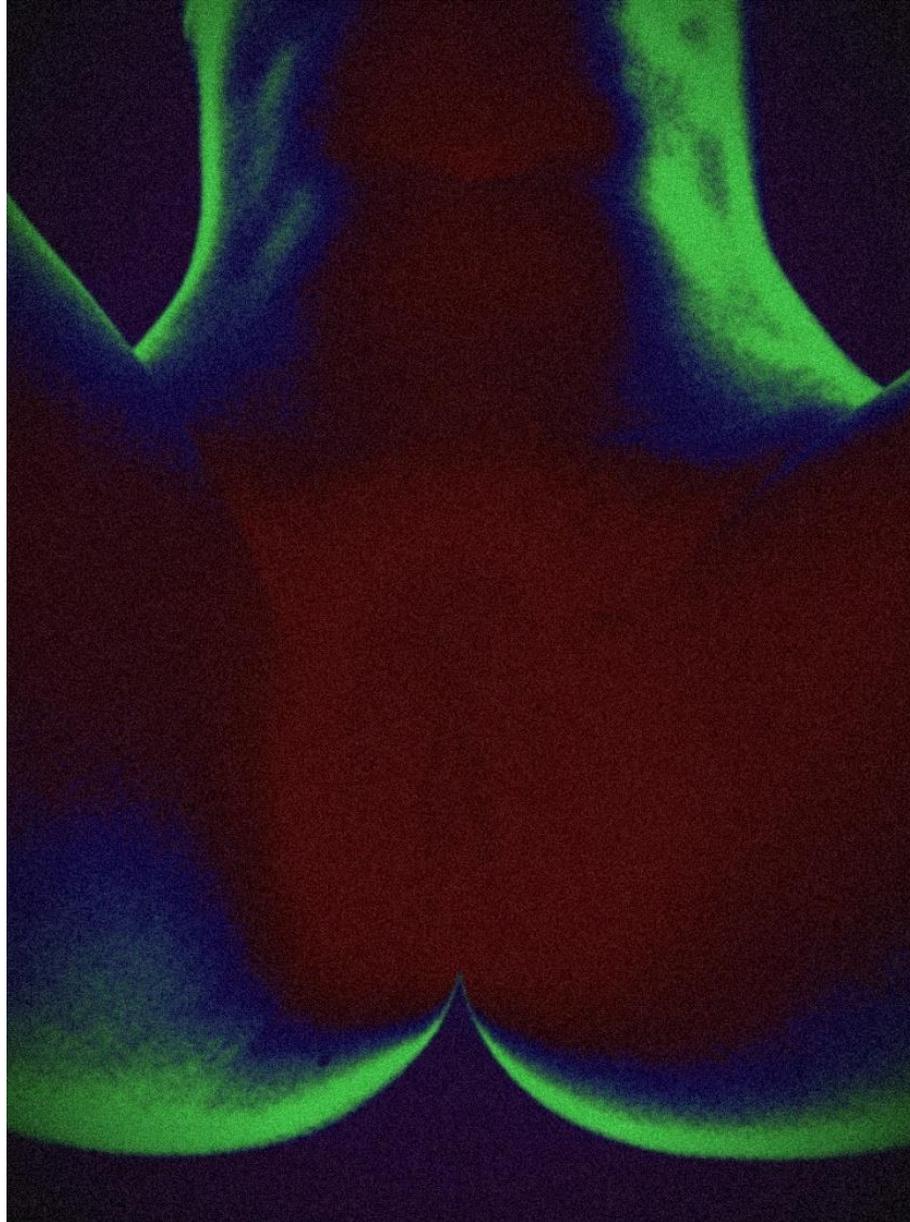
Sabemos o que é a indignidade e não queremos mais isso. A dignidade é um horizonte comum, que precisa ser semeado. Precisamos assimilar que se trata de um direito humano, possível e necessário de ser concretizado. Nós, profissionais da educação, somos uma mídia de largo alcance. A reverberação do nosso trabalho alcança os lugares onde não estamos, por tempo indeterminado. Trabalhando com amor, ética e fé no futuro, semearmos visões que acompanharão as pessoas. A docência é um exercício de imensa relevância e responsabilidade, por mais que o desmonte indique o contrário.

A vilania da precarização da vida é minar a autoestima, o senso de importância que cada pessoa aporta para o coletivo, através da humilhação cotidiana que a realidade produz, e ainda culpabilizar o indivíduo por sua situação, dando a entender que nela está por sua insignificância e ignorância.

No prefácio do livro *Educação e Mudança* (2013 p. 14), de Paulo Freire, o educador Moacir Gadotti escreve “o papel do educador de um novo tempo, do tempo do acirramento das contradições e do antagonismo de classe, o educador da passagem, do trânsito, é mais a organização do conflito, do confronto, do que a ação dialógica”.

Cientes de que a ignorância é um projeto e o conhecimento um privilégio, podemos escolher assumir a tarefa de fazer da nossa prática educativa uma sementeira, uma estratégia de luta e resistência, organizando os conflitos com quais nos deparamos e colaborando socialmente com o desenredar das informações e manipulações, para que afinal, as pessoas possam fazer suas próprias leituras de mundo e proposições, a partir de suas experiências e inteligências.

Hasta que la dignidad se haga costumbre, frase dita por Estela Hernandez em 2017 no México, ecoou nas manifestações populares no Chile em 2019 e agora é o lema da candidatura progressista de Francia Márquez e Gustavo Petro, na Colômbia. E cabe perfeitamente a nós no Brasil. Até que a dignidade seja costume.



Parto, mas não morro. Vitória de Oliveira, 2019, acervo pessoal

Esse trabalho foi realizado a partir de um autorretrato, num dos tantos momentos de ruptura que vivi. A partir da foto intervi digitalmente, chegando a esse resultado.

4. 2 Ser quem se é custa caro (e não há dinheiro que possa comprar)

Carregamos vivências complexas e somos uma sociedade que se organiza a partir da violência e do cerceamento da liberdade, restando pouco espaço para a experimentação e reinvenção de si. Carecemos de oportunidades, contextos, recursos e exemplos de experimentação. Os processos de transformação pessoal são lentos, graduais, nem sempre agradáveis, e nos expõe à dureza de arcar com as restrições sociais, advindas da transposição dos limites socialmente aceitáveis. Escolhas e características individuais como a identidade de gênero, a sexualidade, a dieta, o estilo visual, o gosto musical, a prática religiosa ou sua ausência, a visão de mundo e tantos outros detalhes que compõe o modo de ser e viver de uma pessoa, passam a orbitar nas discussões cotidianas, nas mídias públicas e nos círculos sociais.

O fato de mudar ser um processo complexo e ocasionar certa solidude decorrente do afastamento de alguns núcleos e pessoas, soma-se à narrativa amedrontadora em torno da diversidade. Cada aspecto individual diverso à narrativa dominante é transformado numa caricatura ridícula, desumanizando e deslegitimando a existência de expressões autênticas. O modo como a diversidade humana é representada emite uma mensagem sobre o nível de tolerância ou intolerância social. Pessoas pobres, principalmente negras, mulheres, lgbtqi+, com deficiência, e todos os corpos e existências que fogem à imagem/personalidade irreal dos padrões a serem alcançados, são os seres desvalorizados, exóticos, feios e grosseiros, que habitam o humor popular e ocupam lugares subalternos na sociedade e nas mídias.

A aparência e a conformação social ocupam o espaço esvaziado do ser, do autoconhecimento e autoestima, o substituindo pelo ter/parecer. Um povo intencionalmente deseducado, empobrecido e sem autoestima é vulnerável à diversas manipulações. A autoestima e o senso de valor pessoal encaminham a nossa postura perante a vida: pessoas representadas continuamente como grotescas e risíveis precisam resistir à ridicularização e construir a auto valorização, ou podem assimilar a inferiorização e recorrer à adequação estética e moral até sua total descaracterização.

O questionamento recorrente de aspectos individuais divergentes, a sub representação histórica e narrativa, a desumanização e a ridicularização da diversidade formam uma barreira invisível, porém sólida, ao processo de experimentação de si e autoconhecimento. Para mim, a parte mais difícil de mudar é suportar o entorno, que não deixa esquecer que a mudança não é bem vinda e vista. É extremamente doloroso perceber o quanto pessoas próximas condicionam o afeto à obediência, à regra, e quando mudamos, somos coagidas a abandonar o convívio por conta do maltrato.

Conhecer e reconhecer-se gera “prejuízos” sociais que hoje considero uma seleção natural dos afetos e contextos, mas também revolve a ordem econômica e política. Acreditar em si é acreditar na sua própria beleza, força e capacidade criativa, de criar e agir perante a vida, de imaginar e sonhar. É enxergar a própria potência e as potências das pessoas, saber que somos o todo e temos poder.

Acredito que uma das estratégias mais efetivas da política/visão ultraconservadora é reter as pessoas através do medo, criando uma narrativa onde o único modo seguro de viver está atrelado ao passado, sendo necessário lutar contra as transformações que emergem e retroceder. Todas as mudanças que ocorrem na sociedade, nos âmbitos pessoal e coletivo, passam a representar perigos iminentes e invisíveis que estão à espreita para destruir o mundo seguro criado sob idealizações falsas. A segurança ofertada em troca da restrição da existência nunca chega, nem chegará, pois se trata de uma ilusão narrativa.

Lutar pela construção de uma sociedade amorosa requer diluir o medo entranhado em nossos corpos e memórias. Podemos não conhecer outros modos de ser, viver e organizar a sociedade, mas podemos sonhar e seguir o rastro dos nossos desejos, que nos levam a lugares que não nos foram apresentados. Todos os caminhos para um futuro digno deságuam no amor.

4.3 Amor, autocuidado e educação

A definição mais bonita de amor que conheço foi bell hooks quem me apresentou, parafraseando o psiquiatra M. Scott Peck (1978)

Reverberando o trabalho de Erich Fromm, ele define o amor como “a vontade de se empenhar ao máximo para promover o próprio crescimento espiritual ou o de outra pessoa”. Para desenvolver a explicação, ele continua: “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade — isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar” (HOOKS, 2021, p. 41)

Em seu livro *Educação e Mudança*, lançado em 1979, Paulo Freire escreve que não há educação sem amor. A definição que bell apresenta conversa perfeitamente com o pensamento de Freire, e com a potência que vejo na educação. Enquanto artista professora desejo apresentar possibilidades e ferramentas para experimentação estética, poética e vivencial, mirando a construção da autonomia de cada estudante, contribuindo assim com o seu crescimento e amadurecimento. Também me ateno à afirmação da beleza da diversidade, ao cultivo do amor-próprio e o cuidado com a saúde física, mental, emocional e espiritual.

Durante a licenciatura em artes visuais senti falta de conversas que abordassem o sentido humano da docência, os aspectos práticos da interação contínua com pessoas, em diversas fases do seu desenvolvimento e provenientes de realidades distintas. A aula apresentada é parte da docência: há o que pretendemos tratar, o estado de espírito das pessoas com quem estamos trabalhando, os assuntos paralelos da turma, os debates que estão em alta, as situações que se apresentam... Nesse universo caótico de mundos interconectados precisamos aprender a maestria da condução dos grupos, a construção de propostas pertinentes, a destreza na administração dos conflitos, o exercício da autoridade sadia, o amor dedicado a rega de cada uma dessas vidas que cruzam com as nossas. Freire (2011, p. 8) nos lembra que “a competência técnico-científica e o rigor de que o professor não deve abrir mão no desenvolvimento do seu trabalho não são incompatíveis com a amorosidade necessária às relações.”

Nas aulas da educação ouvi falar sobre as turmas como blocos, não como a composição de subjetividades múltiplas. Se colocar e guiar turmas de 20, 30 ou mais pessoas exige preparo emocional, principalmente em relação a infância e a juventude, repletas de energia,

conflitos e questionamentos. Naturalmente surgirão situações e estudantes que irão provocar emoções reativas que podem comprometer a nossa prática, caso não tenhamos a preparação adequada. A presença educa tanto quanto a aula, a interação que mantemos com as e os estudantes também é uma aula, um exercício social, onde a turma é coordenada por uma pessoa adulta responsável pelo balizamento dos encontros.

Considerando a necessidade de humanizar e reinventar docência, penso que precisamos, em primeiro lugar, tratar da nossa humanidade. Somos uma classe de trabalhadoras e trabalhadores fundamental, mas desvalorizada e precarizada. Desde pequena ouço que professores não descansam, não namoram, atendem a qualquer hora, e me parece que a escolha da docência está associada a martirizarão. Seguiremos lutando contra o desmonte e por melhores condições de trabalho, e eu gostaria que fossemos um pouco além, ideando a possibilidade de fazer da docência uma atuação prazerosa. Educar seres humanos é tarefa tremenda, será que não é tempo de sonhar na viabilidade de fazê-lo sem sacrifícios e exaustão?

Acreditar no amor é vive-lo intimamente, exercitando o que desejamos ensinar e manifestar. Respeitando e se tratando com amor, naturalmente nos tornamos pessoas amorosas. É um caminho longo, requer ajuda, tempo e dedicação investigar e reinventar a si, mas é exatamente através do autoconhecimento e do autocuidado que construímos o amor próprio, qual irradia a força espiritual que trazemos conosco nessa trajetória terrena.

5 ARTE COMO FERRAMENTA DA RESSIGNIFICAÇÃO DE SI E DA SOCIEDADE



Vitória de Oliveira, 2017, acervo pessoal.

Em 2017 a professora Laura Castilhos (durante a disciplina de Fundamentos da Linguagem Visual II) pediu que fizéssemos um autorretrato, em qualquer linguagem. Esse foi o meu trabalho, feito com a impressão do corpo em terra e pintura com o sangue menstrual. Bruna Draude foi quem fez o registro em vídeo do processo, no pátio da CEUPA. Para visualizar o vídeo, acesse o link: <https://youtu.be/zZpV94cMDKc>

É na arte que me desfaço e refaço

Demorei a compreender que o modo de ser que eu, a minha e tantas outras pessoas e suas famílias apresentam é resultado da violência culturalmente sistematizada. A vida precária e violenta, a educação seca e o desamor generalizado engendram a desumanidade.

Refletindo sobre a educação e seus contextos políticos e culturais, e lembrando impasses e discussões familiares e sociais, percebi um traço comum: as pessoas mais velhas, que cresceram e amadureceram antes e durante a ditadura, tendem a rigidez mental e emocional que colide com a postura, visões e demandas das pessoas mais jovens, nascidas na democracia. Espelho a profundidade e o impacto dos danos produzidos pelas gestões políticas, pensando em nós como experimentos sociais que expressam os tempos quais as nossas subjetividades foram inicialmente construídas.

Pensar nas pessoas mais velhas como as crianças e adolescentes da ditadura ameniza um pouco a dor do desamor e da violência. Venho continuamente me transformando para quebrar o ciclo da violência na minha família, assim como tantas outras pessoas deste tempo que escolheram romper com o autoritarismo e a injustiça nas suas relações.

Espero que no futuro a gente experimente o verdadeiro sentido de comunidade, e desfrute de relações familiares e sociais saudáveis e respeitadas. Para que não sejamos mais coagidos e coagidos a ir embora por não suportar o maltrato da nossa autenticidade.

Por ora cabe a nós, filhas e filhos de contextos disfuncionais e violentos, fazer o possível para romper com essa herança, buscando ajuda e meios de expressar e ressignificar as feridas abertas, para acomodar e transmutar as dores.

Meu encontro com a educação e a arte tem aportado força e ferramentas para administrar a ruptura. Não é fácil. É como um desterro psíquico. Uma encruzilhada ética.

É na arte que me desfaço e refaço. Imagino, sonho, invento, para criar e abrir os caminhos. Desejar e agir, fazer, experimentar, tentar. E tentar, e tentar outra vez. Até que não tenhamos medo. Até o momento em que possamos ser quem somos. Sem armários ou gaiolas. Livres para ser, amar e pensar.

A arte representa o presente futuro, é a expressão da consciência e da inconsciência manifestada. Para criar uma arte e realizar um exercício criativo, é preciso abstrair as camadas de autossabotagem introjetadas e se entregar ao acaso, a um universo de possibilidades que se abre diante da criação. A criatividade é uma inteligência necessária à vida, e ao longo da graduação, percebi o quanto as pessoas tem medo de experimentar criar. Levei um tempo para entender que esse medo está associado à falta de prática, oportunidade e incentivo. Mirando essa constatação passei a ver um pouco além, o que em mim produz esse estranhamento, e os cruzamentos de realidades que compõe a minha prática artística docente.

Sou fruto dos caminhos, encontros, oportunidades e riscos que corri. Escolhi transpor a realidade familiar e buscar outro modo de viver, desprendendo do apego à dor e ao sofrimento. Conteí com o acaso e com o divino e segui caminhando nas eiras e beiras. Sou curiosa, comunicativa e eclética, o que facilitou minha inserção nos núcleos mais diversos. Gosto das pessoas, da vida, e esse interesse guiou as andanças e mudanças desta minha última década. A visão que trago não é minha, é de toda coletividade que me constitui. Atenta aos detalhes das pessoas, seus modos de ser e expressar, seus medos e desejos, aprendi o que sei da vida.

As vivências nas casas de estudante e tantas outras casas, as viagens e as buscas, os encontros esperados e inesperados, as mobilizações políticas, todo o conjunto destes cantos e contos diversos confluiu na construção do meu conhecimento, único patrimônio que possuo, junto a criatividade. O acesso à educação formal transforma, e também é importante honrar a educação não formal, o conhecimento que perpassa a oralidade, a experiência, o fazer, a experimentação. Penso assim porque sou uma trabalhadora que acessou a universidade, já sabia criar antes de estudar, porque fui criada por trabalhadores que me ensinaram que a criatividade é uma estratégia fundamental de sobrevivência. O que faço hoje é continuar, aprofundar e desdobrar essa aprendizagem.

Nós, estudantes cotistas, somos joias e enriquecemos a universidade, historicamente ocupada por pessoas de classes privilegiadas. As nossas histórias, vivências, saberes e inteligências, fundidas em realidades paralelas à acadêmica, revolvem escombros e apontam caminhos. A maioria de nós estuda para ter e para poder oferecer uma vida melhor à família e a comunidade. Pensamos no todo porque

conhecemos as feridas e queremos saná-las. O nosso encontro um tanto quanto tempestuoso com este universo, que ainda está assimilando a nossa chegada, está provocando uma revolução intelectual, política e social. Tudo o que precisamos, o que o Brasil precisa, são oportunidades de desenvolvimento e condições para desfrutá-las.

Meu contrapiso pessoal é a experimentação, nasci em uma família de profissionais autônomos (pintura, decoração, artesanato, artes gráficas, construção, estética, limpeza) que permitiam que eu utilizasse seus materiais e me levavam ao trabalho. Além desse contato extenso e prático com múltiplos materiais, o fato de serem autônomos me influenciou intensamente. A capacidade de gerir a vida a partir de um ofício de criação me fascinava e fascina. Minha família é disfuncional e também somos um grupo curioso e criativo.

Desde pequena tive a oportunidade de inventar e realizar: criava desenhos de roupas que minha mãe e a vizinha Salete tornavam reais, projetava móveis que Juarez, o vizinho marceneiro criava, já pintei um punhado de paredes e artesanatos, e sempre que eu tinha qualquer ideia que envolvia outros materiais e ferramentas, pedia ajuda a família e vizinhos, para encontrar alguém que me ajudasse a realizar. De onde venho as pessoas não tem medo de criar, elas criam. Não obras de arte, mas móveis, casas, maquiagens, utensílios, faixas, cores. A minha postura é essa, de uma trabalhadora que sabe que tudo pode através do trabalho. Tudo que é imaginado pode ser realizado. Seja uma casa, uma escultura, um bolo, ou uma revolução.

Sapiranga contava apenas com um museu de antiguidades. Até ingressar por acaso no curso de artes visuais na FURG, meu contato com a área havia sido escasso. Na infância eu acompanhava minha avó Sueli no trabalho, ela era empregada doméstica de uma publicitária, na cidade vizinha. Enquanto ela faxinava eu mexia nas revistas e livros de arte da patroa, e ficava na escada admirando uma reprodução grande de uma pintura do Miró. Alguns anos à frente visitei com a turma da escola a 5ª Bienal do Mercosul, num passeio organizado pela professora de educação artística Ana Beatriz. Lembro daqueles montes de areia no Cais e de tirar sarro com os colegas. Por último, já na adolescência, visitei com a turma da escola o MARGS, em um passeio novamente organizado pela professora Bia. Lembro

do quanto a turma estava entediada e ansiosa para ir ao Shopping Praia de Belas, almoçar na praça de alimentação e ver as vitrines das lojas.

É difícil apreciar o desconhecido. Seja uma obra de arte, uma linguagem, uma pessoa, uma cidade ou uma música. A princípio o conhecimento da diversidade alvoroça, mas conforme o contato se estende, torna-se natural, e assim mudamos um pouquinho a cada troca. A nossa dificuldade reside no impedimento a extensão deste contato. O combate, a desinformação e a demonização da diversidade são estratégias políticas que restringem o desenvolvimento individual e social, e resultam na ignorância da coletividade, observada na violência e sub-representação política e midiática da população, que tem como referência de poder o retrato masculino, branco, heterossexual e rico.

O contexto das artes visuais, especialmente da arte contemporânea, ainda está restrito às capitais e algumas cidades metropolitanas, mas nas cidades menores, culturalmente afastadas, não é uma realidade, isto também porque fazem apenas 36 anos que a arte foi tornada obrigatória na educação básica. É preciso ter o conhecimento da existência do campo, para que através da experiência as pessoas compreendam a dimensão substancial da presença da arte na vida.

Em 1996, o movimento de arte educadores brasileiros estava em júbilo por ter conquistado, depois de uma batalha árdua, um artigo na nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que considerava obrigatório o ensino de arte nos diversos níveis da educação básica. (...) A manutenção da arte como uma disciplina curricular na educação básica implicaria o surgimento de novos cursos de formação, a criação de novos materiais didáticos, livros, pesquisas e tudo o mais que pode envolver a área, o que de fato aconteceu nesses últimos vinte anos. A partir da lei, e da nomeação das diferentes linguagens artísticas nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) a partir de 1998, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro passaram a ser incorporados no vocabulário educacional brasileiro, ainda que a qualidade desse ensino na escola deixasse a desejar, também reforçada pela insuficiência de docentes com formação na área em atuação nas escolas. (LOPONTE, COUTINHO, 2018, p.109)

A atenção diminuta à aparelhagem cultural nas cidades apequenadas, não necessariamente pequenas, mas marginalizadas, mantém a escola como um centro cultural, que nutre o movimento do fluxo criativo. Em Sapiranga por exemplo, grande parte das programações culturais estavam associadas às mostras escolares municipais e estaduais, que aconteciam no Centro de Cultura, o espaço público que sediava diversos eventos na cidade. As escolas também criavam programações próprias, realizando eventos e atividades, frequentemente abertas a comunidade. A organização e realização de experiências artísticas e culturais demanda a presença e orientação

de profissionais da arte educação, sendo estas e estes fundamentais ao desenvolvimento do campo em localidades desprovidas de contextos que proporcionem tais oportunidades.

“Todo ser humano tem o direito de participar livremente da vida cultural da comunidade, de fruir as artes e de participar do progresso científico e de seus benefícios” é o que diz o artigo 27 da Declaração Internacional dos Direitos Humanos. Como seria possível fruir as artes sem a presença e atuação de artistas, arte educadoras/es e artistas educadoras/es? Sem a obrigatoriedade das artes na educação e promoção da diversidade cultural em todas as cidades do país, estamos sofrendo a obstrução do nosso direito humano à arte.

Principalmente desde o golpe parlamentar sofrido pela presidenta Dilma Rousseff em 2016, o Brasil tornou-se palco privilegiado para vários movimentos de cunho neoliberal e grupos corporativos que já estavam a espreita há muito tempo, em especial, na área da educação. Em setembro de 2016 é anunciada pelo ministério da Educação a publicação da Medida Provisória 746, que propunha alterações na lei de diretrizes e bases da educação nacional, especialmente a respeito do oferecimento do Ensino Médio. Em relação ao ensino da arte, a referida medida atacava diretamente o artigo tão comemorado pelos professores e professoras de arte apenas vinte anos atrás: o ensino de arte deixa de ser obrigatório em todos os níveis da educação básica, em especial, no Ensino Médio. Após algumas modificações, o texto final da alteração da lei é publicado em 2017 (Lei 13.415), mantendo uma obrigatoriedade genérica do ensino de arte na educação básica e, no Ensino Médio, a obrigatoriedade de “estudos e práticas” do Componente Curricular Arte. (LOPONTE, COUTINHO, 2018, p. 110).

Para que o campo da arte se desenvolva em todo o país é preciso investir fortemente na arte educação e na cultura, no desenvolvimento de aparelhos culturais acessíveis, apresentando na prática a arte como uma realidade possível, um direito e um mar de possibilidades.

5.1 Resistir e Florescer

A resistência e enfrentamento ao desmonte educacional gera um desgaste que intencionalmente tenta, mas não impede, a elaboração e materialização de projetos para o futuro. A breve história da arte na educação pública brasileira, somada à ampliação da diversidade nas licenciaturas das universidades, tanto por conta da atualização dos currículos, quanto pela presença de identidades indiretamente impedidas do acesso à educação superior, têm suscitado novos horizontes em relação à arte e à docência.

A junção dos saberes acadêmicos, do saber e da experiência das nossas professoras e professores, agentes do campo que vivenciaram outros momentos históricos, alguns e algumas atuantes na luta pela inclusão das artes no currículo da educação básica, junto aos novos olhares recém chegados, gera um encontro reluzente e fértil, criando possibilidades e transformando o ambiente.

A licenciatura em artes, até então voltada para a formação de educadoras e educadores, está se tornando também um campo formativo de artistas docentes, pessoas que carregam a prática artística, a pesquisa e a arte educação lado a lado, como atuações complementares quais se retroalimentam.

Nos atravessamentos desses campos – pesquisa, docência, arte contemporânea e ensino/aprendizagem –, nos quais é sentida a necessidade de se pensar e investigar continuamente outros modos de formação e atuação docente, emerge uma nova perspectiva, que aqui alçamos híbrida ou móvel, nascente do território múltiplo da arte contemporânea e direcionada como abordagem para uma docência artista. (LOPONTE, COUTINHO, 2018, p. 114).

É nesta manifestação emergente que compreendo minha atuação. Me apresento como uma artista professora, sem distinção hierárquica, ciente da potência, representatividade e responsabilidade que trago. Sou uma mulher artista contemporânea, de prática e poética experimental, sou professora e antes de tudo, trabalhadora. Penso minha prática educativa como artista e construo meu trabalho artístico embebido pela arte educação.

Acreditamos que, como uma proposta sem contornos limitadores, a docência artista distancia-se de atributos e representações do senso comum que ainda perduram sobre a aura de ser artista, aproximando-se mais de processos e práticas artísticas

contemporâneas. Ao se pensar num modo artista, espera-se estilhaçar ideias românticas de ser docente, trazendo-o para o embate consigo mesmo em recriações de si e de suas práticas, imprescindíveis diante de pensamentos reducionistas. (LOPONTE, COUTINHO, 2018, p. 115)

Acesso a mentalidade da aluna que fui, de uma escola pública em Sapiranga, ignorante em relação a existência das artes visuais, mas curiosa e dedicada as proposições das aulas de educação artística, e rememoro a importância da presença da professora Ana Beatriz, uma das principais referências que tive na infância e na adolescência de mulher livre, artista professora, que proporcionou a mim e a tantas outras e outros estudantes experiências que nos provocaram e formaram.

O propósito é gerar aprofundamentos teóricos sobre uma docência artista que se faça móvel. Ampliar as argumentações, as defesas e as evidências empíricas acerca de um ideário para uma formação docente ética e estética, anunciadora de outros modos para uma atuação investigativa, reflexiva e interdisciplinar na educação básica – inspiradas ou motivadas pelo modus operandi de artistas da arte contemporânea. (LOPONTE, COUTINHO, 2018, p. 115)

Proponho fazeres e reflexões que compõe a minha e diversas poéticas de artistas da contemporaneidade, para situar passado, presente e futuro nas representações estéticas e discussões que estamos construindo hoje sobre violência de gênero, racismo, descolonização, discriminação sexual, xenofobia, preservação ambiental, intolerância religiosa, entre tantos outros temas. Tenho certeza de que as nossas atuações, de docentes híbridas e híbridos, irão gerar transformações nos modos de sentir, criar e interpretar o mundo, encaminhando a juventude através da prática docente experimental, orientada para o futuro presente das inúmeras possibilidades que nascem dos anseios e caminham em direção à liberdade.

Cabe discutir a pertinência dos entrecruzamentos que envolvem arte contemporânea e uma docência que se quer artista. Discutindo seus limites e sentidos, numa possibilidade de proliferação de docentes híbridos. Poderá ser esse território capaz de mover o olhar, a cognição, a sensação, a sensibilidade, a memória afetiva e estética, assim como uma postura ética. Abastecidos de vontade criadora, professores/móveis/híbridos poderão habilitar-se a promover junto aos estudantes ações de resistência através de um aprendizado coletivo, elaboração de projetos colaborativos, abordagens abertas e experimentais, articulação de conhecimentos, mobilidade e entusiasmo no campo, múltiplas interpretações sobre a mesma experiência – redimensionando desfechos possíveis. (LOPONTE, COUTINHO, 2018, p. 116).

Como mulher que professa a arte, afirmo minha existência e resistência, demonstrando uma possibilidade de ser através da presença e postura profissional. Assim como fui inspirada pela professora Ana Beatriz, pelo conjunto da sua atuação e modo de ser,

acredito que nós, as artistas professoras, registradas na memória das e dos estudantes, seremos representantes e referenciais da diversidade do feminino, ocupando o local pungente da docência artista disruptiva e contra hegemônica.

Problematizar estereótipos de gênero é tarefa de ordem política fundamental, visto que muitos deles continuam a dar suporte à permanência das desigualdades e das discriminações. As diferentes práticas artísticas das mulheres podem ser uma aliada potente nessa tarefa. Contaminando-nos por suas poéticas, talvez possamos assumir uma postura de questionamento perpétuo das relações de poder que balizam visões de mundo racistas, misóginas e excludentes. Além disso, talvez possamos inscrever em nossos horizontes representações de gênero menos condicionadas aos jogos de poder, num movimento de abertura ao outro e a outros modos de existência que escapam ao pensamento dominante. Afinal, a avalanche de intolerância que invade o tempo presente não seria uma resposta gestada, entre outras coisas, pela frequente negligência às vidas, aos corpos, aos gêneros e às sexualidades que transbordam ao hegemônico? (DIAS, Tais R, 2019, Arteversa)

Cada uma de nós que cria outra realidade para si, a partir da própria autenticidade, abre os caminhos para que outras meninas e mulheres também construam suas próprias narrativas, e juntas mostramos a sociedade que somos diversas e capazes, e assim como nós nos reinventamos, todas as pessoas podem se reinventar, atravessando e tensionando os limites, construindo novas realidades e horizontes.

SEMENTES: considerações finais



Ode à Guapuruvu. Vitória de Oliveira, 2020, acervo pessoal.

Me aproximei da Guapuruvu quando fui morar na casa de estudante, onde ela habita a entrada, majestosa. Foram tempos difíceis e eu a observava bastante, as mudanças ao longo das estações, toda a sua beleza. Incorporei seus elementos (folhas, galhos, sementes, flores) aos meus trabalhos, com elas fiz pinturas, fotos, adornos, telas. Esse trabalho é uma homenagem à árvore, utilizei as folhas, sementes e fotografia analógica da Guapuruvu que mora na CEUPA e enfeita a rua Sarmiento Leite com sua copa gigante.

A escrita deste trabalho foi complexa. Cada porta abriu outra porta, e mais uma, e mais uma. Algumas delas estavam fechadas desde sempre, outras entreabertas, e com um molho de chaves que cria novas chaves, tentei ver além e costurar as tantas coisas que aconteceram dentro e fora de mim desde o meu encontro com a Arte.

Naquele momento em que buscava cursar Direito na FURG e caí nas Artes Visuais, foi a professora Marlen de Martino que me fez ficar. A tenho como uma mestra. Me arrebatou com as suas aulas fascinantes, mesclando arte, filosofia e mitologia. Em um dos seus seminários estudei a Oresteia², e desde então a história de Orestes flutua em minha vida. Na época desejava tatuar Clitmnestra, mas são as luas que representam Ártemis que marquei no corpo, a Deusa íntegra, que aponta a flecha.

Orestes aparece com frequência nas leituras oraculares de Maria Gabriela Saldanha, e há poucas semanas atrás ela utilizou o mito como metáfora para dizer que todos precisamos romper os ciclos de maldição que nos antecedem: a violência, o sofrimento, a escassez, a miséria introjetada. Também sou, somos, Orestes, diante do impasse de encerrar o passado das desgraças frutificadas, envenenadas, para iniciar uma nova era. Não há outro caminho, é preciso romper. Romper é seguir, é reciclar e reinventar, refazer e sonhar. Romper é mudar as rotas do futuro. Uma nova era se anuncia, e nós, as guerreiras e guerreiros deste tempo, temos inúmeras batalhas a enfrentar.

Cada qual com suas ferramentas, ofícios e poderes. Nós, com a educação e a arte, alcançamos remexer fundo através das narrativas, metáforas, experiências, visualidades. As tão combatidas ciências humanas, sensíveis e mutáveis, pois humanas, são o que mais necessitamos para equipar as pessoas com o discernimento de si e do todo, com a capacidade criativa e inventiva das expressões do porvir que resultarão em movimentos culturais, sociais, políticos. O Tempo é o grande mestre, e continuará a mostrar os caminhos pelo

² Oresteia é uma trilogia dramática composta pelas peças Agamenon, Coeforas e Eumenides, escrita pelo autor grego Ésquilo. Narra a história da família de Orestes, envolta em uma série de crimes intrafamiliares. Agamenon oferece sua filha, Ifigênia, em sacrifício para a Deusa Ártemis, numa tentativa de contar com seu apoio na Guerra de Tróia e aplacar a raiva da Deusa por suas ofensas. Clitemnestra, sua esposa, revoltada com o sacrifício de sua filha, trama o assassinato de Agamenon no seu retorno da guerra, e consome o crime com a ajuda de seu amante. O Deus Apolo convoca Orestes e ordena que mate a sua mãe, para dar fim ao ciclo de crimes familiares.

retrovisor, com o espelho e com a bola de cristal. Tudo está para ser acessado, precisamos aprender a olhar, para quem somos, fomos e podemos ser.

Somos fruto da violência e a alimentamos consciente ou inconscientemente. Nos ensinaram a calar e suportar em silêncio as dores em nome da *ordem*. Temos dificuldade de compreender e estabelecer limites, pois nos criaram para aceitar tudo. A educação e a sociedade rechaçam e subjagam as crianças e esperam que essas pessoas sejam autônomas, bem resolvidas e proativas. Nossas mães, pais e responsáveis fizeram o melhor que podiam nas condições que possuíam. Temos hoje conhecimento, experiência e brechas para alavancar as discussões necessárias para a reformulação das estruturas da sociedade.

A vida é mutável, permeada por ciclos. Ao longo da história da humanidade experienciamos determinadas condições (culturais, sociais, econômicas, políticas) que criam o contexto do horizonte visível. Uma gaiola para a mente, mas não para o espírito, por isso sonhamos além do que conhecemos ou podemos ver.

Pessoas assustadas e desinformadas, desconectadas de si e de uma percepção ampliada sobre a vida, podem facilmente ser subjugadas e coagidas a apoiar pessoas, sistemas políticos e econômicos que omitem seu completo desinteresse pela vida.

Compreender a si, suas feridas e dores, forças e poderes, é necessário para que tenhamos a capacidade de revisitar nossas histórias, curar as feridas abertas e seguir com a reconstrução da humanidade em seu novo ciclo.

Precisamos compreender que a violência não é a única, muito menos a melhor resposta aos desafios que enfrentamos individual e coletivamente. O caminho para esse entendimento é o amor, que nos foi negado histórica e socialmente. Reivindicar o amor e a alegria de ser, viver e compartilhar é combater o que de pior trazemos em nossos corpos (físico, mental, emocional e espiritual) e reciclar o que fizeram conosco. Temos o direito inerente a uma vida digna e amorosa, mas precisamos desejá-la; e mesmo que não tenhamos o conhecimento ou a vivência desta, podemos imaginá-la, sonhar com ela, vislumbrar outras possibilidades de existir que não a miséria humana.



Caminhar. Vitória de Oliveira, 2020, acervo pessoal.

A criação desse trabalho tem uma história curiosa. As botas que recebem as espadas de lansã foram minhas. Nos primeiros anos em Porto Alegre convivia com o desconforto de ficar com os pés molhados e gelados no inverno, até que em 2018 resolvi comprar uma bota para chuva. Parece óbvio, mas eu não havia pensado nisso, e já passava três invernos na capital. A bota é linda e brilhante, e eu amava usar, até que estragou e não foi possível consertar. Então me inspirei nos sapatos floridos da Casa de Cultura Mário Quintana, e plantei nelas duas mudas das espadas: uma que trouxe da casa de estudante, e a outra, que nasceu desta. Nesse momento (2022) são quatro espadas, duas em cada lado, e ficam na entrada de onde moro, me lembrando de toda a caminhada e transformações que tive coragem de seguir.

REFERÊNCIAS

BBC News Brasil. Como as árvores conversam entre si por uma rede subterrânea. Youtube, s/d. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=UirW2aBP-PY>>

BILIONÁRIOS do mundo tem mais riqueza do que 60% da população mundial. OXFAM, 2020. Disponível em <<https://www.oxfam.org.br/noticias/bilionarios-do-mundo-tem-mais-riqueza-do-que-60-da-populacao-mundial/>>. Acesso em 20/03/2022.

BRASIL. Artigo 1 e 6. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em 20/03/2022.

ONU. Preâmbulo e artigo 27. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Paris, 1948. Disponível em <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em 20/03/2022

DIAS, Tais R. Mulheres artistas nas aulas de arte: multiplicar horizontes éticos e estéticos. **Arteversa**, 2019. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/artevera/mulheres-artistas-nas-aulas-de-arte-multiplicar-horizontes-eticos-e-esteticos/>>. Acesso em: 10/04/2022

FERRARI, Ana C; OCHS, Mariana; MACHADO, Daniela. **Guia da educação midiática**. São Paulo: Instituto Palavra Aberta, 2020.

FREIRE, Paulo. **Educação e Mudança** [recurso eletrônico]. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2013.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** [recurso eletrônico]. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FUNGOS Fantásticos. Louis Schwartzberg. Netflix, 2019.

GALÁXIA. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <<https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Gal%C3%A1xia&oldid=63470928>>. Acesso em: 08/03/2022.

HERNANDEZ, Fernando. Minha trajetória pela perspectiva narrativa de pesquisa em educação. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene; SOUZA, Elizeu C. de. (orgs). **Pesquisa narrativa: interfaces entre histórias de vida, arte e educação**. Santa Maria: ed. UFSM, 2017. p. 49-74.

HOOKS, bell. **Tudo sobre o amor, novas perspectivas** [recurso eletrônico]. São Paulo: Elefante, 2021.

LOPONTE, Luciana G; COUTINHO, Andréa S. Estamos em perigo? Arte, educação e resistências no Brasil. *In*: QUEIROZ, João P; OLIVEIRA, Ronaldo. (org.). **Arte e Ensino**: propostas de resistência. Lisboa: Centro de Investigação e estudos em Belas Artes, s/d. p. 108-117.

MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. **Pesquisa Narrativa**: concepções, práticas e indagações. *In*: Anais do II congresso de educação, arte e cultura – CEAC, Santa Maria, 2009, p. 1-12.

ROSÁRIO, Maria do. Violência política de gênero, no singular e no plural. *In*: D'ÁVILA, Manuela. (org.). **Sempre foi sobre nós**: relatos da violência política de gênero no Brasil. Rio de Janeiro: Rosa dos Ventos, 2022. p. 137-147.

SISTEMA SOLAR. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Sistema_Solar&oldid=62793920>. Acesso em: 08/03/2022

VIA LÁCTEA. *In*: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikimedia Foundation, 2022. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Via_L%C3%A1ctea&oldid=63353408>. Acesso em: 08/03/2022.